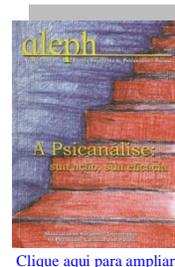


## Pequena introdução topológica à clínica do sintoma generalizado



Referência:

Vieira, M. A. Pequena introdução topológica à clínica do sintoma generalizado. *ALEPH*, n. 2, Paraná, p. 08-16, 2011.

Em tempos de sucesso compulsório é bom lembrar como os analistas são trabalhadores do fracasso. Quanto mais o ineficaz, o incompreendido e o duvidoso são apagados pelo empreendedor e pelo carismático, mais importa localizarmos o insucesso que dita as coordenadas da experiência analítica. Entramos em cena quando as coisas não dão certo, quando algo não vai bem. Certo, apostamos que a análise terá efeitos mesmo em quem só espera algum “emponderamento”, mas jamais a não ser a partir do que é fraco e débil, do que rateia.

O fracasso que nos sustenta, porém, não é o da falta e sim do excesso, impedindo que tudo corra como o planejado. Não é o da impotência, mas do sexual. É um campo definido por Freud como espaço privilegiado do incerto - em suas íntimas relações tanto com o indefinível da vida quanto da morte. *Não há relação sexual* é a retomada lacaniana deste postulado de Freud e se lê como *não há medida, no sexual, que defina alguma relação*. Este verdadeiro aforismo do impossível é desdobrado no *Seminário 20* com a superposição de duas negações em que Lacan situa um “não acontecer”, não ser sucedido, como aquilo que nunca deixa de suceder: “o que não cessa de não se escrever”.<sup>1</sup>

A falta de uma relação natural entre os sexos, que é também aquela entre o sujeito e o sexual em seu próprio corpo, não impede que relações sejam estabelecidas. Ao contrário, elas proliferam exatamente pela falta de uma relação original. Serão, no entanto, sempre habitadas pelo desconcerto do que Lacan chamou *gozo*. Ele pode se apresentar desconectado, fora do sentido, na angústia ou em um pânico insustentável, por exemplo; ou em tropeços, como nas formações do inconsciente. Só não estará nunca completamente ausente, pois é a vida que escapole a cada vez que se define uma relação, que se consolida contrato ou instituição. A cada momento que uma “união estável” é firmada, algo fica de fora para retornar adiante. São estes pequenos ou estrondosos fracassos que nos permitem manter a aposta de que o impossível acontece e contar com seus poderes de subversão na experiência analítica, mesmo mergulhados na crença generalizada em uma ciência, capaz de tudo, que o teria banido do planeta.

### Nós

Se o impossível é a base, como se estabelece uma relação? Platão demonstrou essa dificuldade no *Parmênides* com seu célebre argumento do terceiro homem. Se entre dois corpos díspares, digamos A e B, quisermos fundar uma união será preciso convocar alguma coisa que possua algo de A e algo de B, que se situe a meio caminho e venha fazer a ligação entre eles. Para que isso seja possível, porém, este “ser do meio”, este terceiro, deve ter em seu próprio interior alguma coisa que articule seus A e B internos, digamos C. Por sua vez, entre C e A ou entre C e B seria necessário outro “terceiro homem” e assim ao infinito. Parece, portanto, impossível localizar o que constitui e mantém a relação.

Platão resolve este problema ao localizar a essência de cada corpo no céu das Ideias onde todos os laços são definidos. Lacan considera outro modo de abordar as relações com base

na experiência freudiana. Para começar, elas não serão jamais sexuais, pois o sexual, por definição é o campo da não-relação. Isso não impede que em toda parte, inclusive nas práticas da sexualidade haja um sem número de relações. Elas não serão, porém, mais tidas como naturais ou ideais, mas *ad hoc*, arranjadas, construídas artesanalmente a cada caso. O nó borromeano, apresentado por Lacan a seu público no seminário *O saber do analista*, será o instrumento maior para demonstrar este tipo de concepção do espaço relacional do “falasser”.

Partamos de uma ideia geral. Um nó é a reunião de duas ou mais cordas que ao serem entrecruzadas algumas vezes (ao menos duas) passam a ter uma relação fixa e indissociável entre elas. Cabe a pergunta: na passagem dos homenzinhos platônicos às cordinhas afasta-se o impasse do terceiro homem? Certamente em um nó há relação sem que haja mediador, apenas um cruzamento contingente de fios. Estes fios, além disso, são tão “bestas”, nos termos de Lacan, que se prestam a um sem fim de analogias.<sup>2</sup> Um nó pode ser tomado como o vínculo entre um homem e uma mulher, uma mulher e sua mãe, entre dois momentos da história de um mesmo sujeito e assim por diante. Tomar cordinhas de barbante e nós como suporte da transmissão, como faz Lacan, além de nos afastar do céu promove, tal como em seu uso dos matemas, um radical esvaziamento do sentido. Nos deslocamos em um plano a tal ponto formal que a relação demonstrada pode ser localizada nos mais diferentes contextos. Ao mesmo tempo temos em mãos uma base concreta de orientação que localiza o impossível, pois nem tudo poderá ser feito com as extremidades das cordinhas em questão uma vez que elas estejam firmemente atadas em seu meio.

### **O nó borromeano**

O terceiro homem, porém, não se vai tão facilmente. Se, por exemplo, tomamos as duas cordinhas como duas vidas que se uniram, ele pode retornar na interrogação: “Estava escrito que nossos caminhos se entrelaçariam, que deveríamos nos amar, ou é tudo obra do acaso?”. Os desencontros de uma aproximação entrecruzada sempre podem ser tomados como prova de um *maktub*, fazendo a contingência passar por necessidade, basta dar lugar, na relação, à mão que compôs o nó, mesmo que apenas como suposição.

O nó borromeano vem responder a essa vacilação por dar lugar a este terceiro homem retirando-o do céu das Ideias ou do infinito da suposição. Isto porque o nó borromeano articula três elementos e não dois e traz à terra o marinheiro celeste que teria amarrado as pontas. Por isso é definido por Lacan como essencialmente ateu.<sup>3</sup>

Essa proeza não se deve ao fato de serem três cordinhas e não duas, mas ao modo muito especial como elas se mantêm unidas. Em nenhum momento é possível localizar um “ser do meio”. Neste tipo de nó, dois nada têm entre si, nem mesmo um terceiro como elo comum. Como todos se mantêm unidos então? Ao modo da trança e não do nó. Quem já trançou qualquer coisa sabe o quanto neste modo de relação cada fio é independente, não está “acasalado” com nenhum outro. É a sequência dos atravessamentos que os mantêm unidos, o que define a “propriedade borromeana” da qual fala Lacan. Sejam quantos forem os componentes de uma trança (que pode ir de três ao infinito), caso qualquer um deles se vá, liberam-se todos os outros, ou seja, não há relação privilegiada, nenhum dos fios tem nada em comum ou especial com outro. Por isso não é um nó (o nome “nó” borromeano engana, tecnicamente, trata-se de uma “cadeia”), por não haver entrelaçamento de fios, dois a dois.<sup>4</sup>

Não contente em usar o nó para ilustrar um modo de relação muito especial, composto de um arranjo, sem recurso ao marinheiro celeste, Lacan se propõe a articular, com este tipo de relação, seus três registros Real, Simbólico e Imaginário.

## **RSI**

Eles são introduzidos desde o início de seu ensino como modo essencial de ordenar nossa abordagem da experiência analítica a partir de uma decomposição essencial do que ali se manifeste, entre sua carne (R), sua forma essencial (I) e seu lugar em um sistema de oposições (S) ou, para ser mais rápido ainda, entre espessura, textura e estrutura.<sup>5</sup> Tomemos como exemplo uma relação imediatamente acessível. Um real deve ser articulado a uma imagem para que haja vida. É o que delinea o clássico exemplo de Lorenz, retomado por Lacan de diversos modos. As botas do pesquisador são por ele colocadas ao lado do ninho em que alguns ovos de pato estão prestes a eclodir ao mesmo tempo em que a mãe-pata é tirada de cena. Ao nascerem, os patinhos recebem a “impressão” das botas e passam a seguir o etologista por todo lado onde quer que ele caminhe com suas botas. O nó que institui a relação entre a mãe e o real da satisfação se faria pela concomitância temporal entre uma imagem e a saída do ovo. No caso humano, no entanto, Lacan o delimita desde seu *Estádio do espelho*, será preciso que algo mais entre em cena e que virá ligar a mãe ao bebê e à sua fome.<sup>6</sup> É o que realiza o “simbólico”. Deste modo serão sempre três e não dois. O Simbólico interpõe-se entre “R” e “I” estabelecendo o laço necessário à vida. Ele aqui, porém, nada tem a ver com “simbolismo” ou “significações abstratas” como tendemos a entendê-lo. O Simbólico lacaniano comparece, em uma manifestação purificada, por exemplo, no nome próprio. Ele é, nos termos de Russel, um *designador rígido*, é o que se encontra também nas marcas e números, mais do que nas significações que a linguagem é capaz de engendrar. Ele marca e distingue, torna único, sem nada dizer em termos de qualificação ou explicação. É simples nomeação sem sentido, pois os sentidos das coisas, estritamente dependentes de suas formas estão em I e é exatamente o que nos difere dos patos. A despeito de todas as terapias que propõem uma pato(lo)gização de nossos comportamentos, eles só serão humanos se R e I se fixarem deste modo antinatural, impreciso e imprescindível do verbo, que faz junção indelével e invisível. O Simbólico é feito de nada, é um vazio de sentido entre R e I, linha de indefinível corte que faz costura. Este é o passe de mágica humano: colocar um nada, um furo, entre o real e o imaginário que faz função de cola e que exatamente por isso permite uma abertura ao imprevisível, à poesia e ao além.

## **O sinthoma**

Lacan não para aí. Na passagem de seus seminários *RSI* a *O Sinthoma*, introduz uma variação topológica fundamental. É possível tomar essa maneira borromeana de conceber a experiência como um dado, *ex-nihilo*, instaurando-se “do nada”, já que o terceiro homem foi incluído no nó. Desde muito cedo, porém, Lacan busca situar a função responsável pelo enodamento e nem sempre ela se confunde com o simbólico. Sua retomada do Édipo no *Seminário 5* vem justamente situar a função paterna como um vazio (um nome, o Nome do Pai) que separa e ao mesmo tempo une, mãe e bebê. Nesta época, Nome do Pai e “ordem simbólica” (ou ainda “cadeia significante”) parecem sinônimos. No *Seminário 23*, *O sinthoma*, assistiremos a uma investigação tenaz com relação a dois tipos de nó borromeano: de três e de quatro elementos que retoma essas duas apresentações do Simbólico. Este é o pano de fundo topológico da presença de James Joyce neste seminário.<sup>7</sup>

Duas leituras dessa investigação são possíveis. A primeira propõe que *no caso de Joyce* teria sido preciso um quarto elo para articular RSI, pois, por uma falha no simbólico, o enlace normal a três seria impraticável. Ele teria constituído um artifício singular, nomeado por Lacan como *sinthoma*, para constituir seu nó subjetivo, o que ilustraria o quarto elo de um nó enlaçando quatro fios de barbante e não mais três. A psicose seria um acidente de percurso, um déficit na normalidade borromeana, neurótica. J. A. Miller propõe outra leitura, a de considerarmos como paradigma da estruturação subjetiva, tanto na psicose quanto na neurose, um nó de quatro elementos. É a tese maior da *Conversação de Arcachon* que ficou conhecida como a “foraclusão generalizada”, mas que poderia ser mais propriamente denominada de teoria do *sinthoma* generalizado.<sup>8</sup>

O meio mais rápido de destacar a função do *sinthoma* como quarto elo é chamando atenção para as letras que utilizamos ao distinguir os registros. O nó borromeano em seu desenho não distingue qual dos três aros é R, qual é S e qual é I. Por isso sempre que o representamos é preciso acrescentar cores, ou simplesmente letras. É um artifício que neste caso corresponde ao uso do giz e do quadro-negro, ou do lápis e do papel. É este artifício, no entanto, que sustenta a amarração borromeana de *três* registros díspares, pois sem ela eles se confundiriam. Ele é análogo ao que cada sujeito psicótico produz para fazer com que as várias coisas heteróclitas que compõem sua existência possam se manter unidas constituindo um composto tanto estável quanto dinâmico.

### **Invenção**

Quais seriam estes artifícios? Podem ser aproximados de uma produção, desde que se mantenham bem distantes do que evoca “obra” em uma teoria da sublimação, algo elevado, próximo do ideal. Eles são bem mais o que J. A. Miller situa como invenção, montagem a partir de “materiais preexistentes”, restos, pedaços, fragmentos de discurso.<sup>9</sup> Neste contexto conceitual, do *sinthoma* generalizado, o Nome do Pai é apenas o *sinthoma* do neurótico e não mais a “via régia” para o vivente. O artifício neurótico seria o de optar por um dos aspectos do simbólico, o de furo, em detrimento do outro, de marca. De fato, o significante é o rastro deixado pelos encontros com o Outro, signo com que o ferro da linguagem, em uma metáfora célebre de Lacan, marca seu gado, mas é ao mesmo tempo furo na significação, pois essa marca não tem sentido, é pura contingência - tal como uma cicatriz, que pode ser lida e contar uma história ou pode ser vazia de significado, apenas traço que distingue.<sup>10</sup> Essa ambiguidade fundamental do significante é metaforizada pelo quarto elo, que, como um desdobramento de um dos três vem montar um nó borromeano.

O sonho neurótico é o de que o nome do pai, toda marca que nos inclui em uma família ou clã e que em si é apenas aleatória marca do Outro, seja tomado como o lugar de onde emanaria o segredo impronunciável do universo. A partir da teoria do *sinthoma* generalizado, no entanto, o Pai não mais se confunde com S. Apesar de encontrado na cultura em escala industrial é um *sinthoma* como outros entre os tantos artifícios sustentam a junção I e R ou entre imagem e gozo.

O *sinthoma* agora, longe de ser pensado como patologia, será tomado como esteio do laço social, fundamento da conexão entre o gozo singular de cada um e uma imagem, uma significação, do Outro. Alguns se conectarão a partir de uma imagem extremamente reduzida – limitadamente social, tal como uma droga ou um modo de gozo pré-determinado. Estes sintomas, poderão ser tidos como “autoeróticos” por conta do Outro limitado a que se



referem, mas serão sempre necessariamente conectores com o social por incluírem um tanto de gozo. Uma análise busca localizar o sinthoma como traço que abre o sujeito ao uso do gozo singular por ele localizado e que mantém amarrado o saco de gatos que costumamos chamar uma história, sem o qual a vida seria apenas a lagoa dos patos.<sup>11</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Lacan, *Meu ensino*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2006, p. 92 e Miller, J. A. *Um devaneio*, Opção Lacaniana, n. 42 pp. 7-18. Cf. Lacan, *O Seminário, livro 11*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 195. Como definem suas fórmulas sobre o necessário, o impossível e o contingente, que utilizo aqui de maneira ligeiramente adulterada para os fins desta exposição. O impossível é: "O que não cessa de não se escrever" (cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 20*, Rio de Janeiro, JZE, 1982, pp. 79 e 127).

<sup>2</sup> Quanto ao uso "besta" dos nós, cf. Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 541, Milner, J. C. *Les noms indistincts*, Paris, Seuil, 1983, pp. 124-131.

<sup>3</sup> Lacan, J. *O Seminário livro 23*, Rio de Janeiro, JZE, p. 36.

<sup>4</sup> Cf. *Ibid* e ainda Lacan, *O Seminário, livro 22*, inédito, lição de 10/12/1974.

<sup>5</sup> Lacan, J. (1953) *O simbólico, o imaginário e o real*. Em: Lacan, j. Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

<sup>6</sup> Para uma retomada deste exemplo a partir de Lacan cf. Hill, P. *Lacan, Writers and readers*, New York, 1997 e Vieira. M. A. *Restos*, Contra Capa, 2008, p. 76.

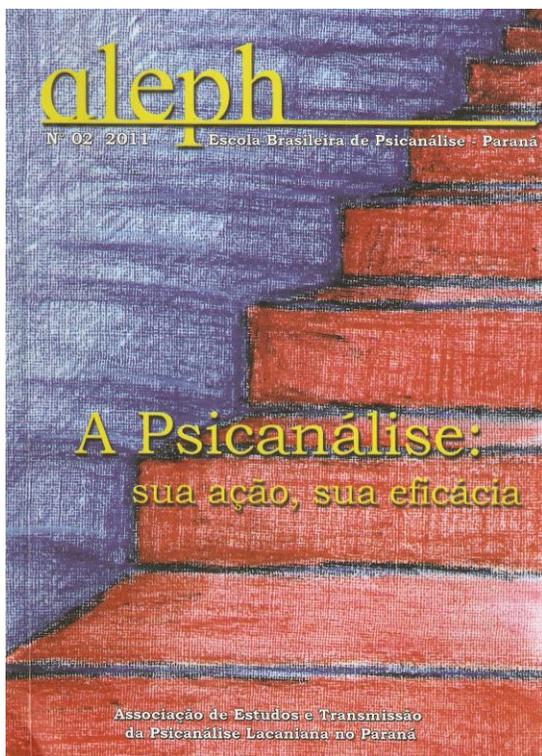
<sup>7</sup> Tanto para a topologia do quarto elo quanto para o "h" do sinthoma de Joyce, cf. Lacan, J. *O Seminário livro 23*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p. 12 e 18, além, entre outros, do verbete "Nó" de Pierre Skriabine, no "Scilicet dos nomes do Pai" *Opção lacaniana*, n. 50, São Paulo, EBP, 2007.

<sup>8</sup> Cf. Miller, J. A. "Esquizofrenia y paranoia", *Psicosis y Psicoanalisis*, Buenos Aires, Manatíal, 1985; "Clínica irônica", *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200, *La conversation d'Archachon*, Paris, Seuil, 1998. cf. Miller, J. A. "O Outro que não existe e seus comitês de ética" lição de 18/12/96 e Porge, E. e Gueguen, P. G. "La homestatie symptomatique dans les psychoses", *La lettre mensuelle*, n. 211, Paris, ECF, 2002.

<sup>9</sup> Cf. Miller, J. A. "A invenção psicótica", *Opção Lacaniana*, vol. 33, 2003. MILLER, J.-A., A salvação pelos dejetos. [http://www.ebp.org.br/enapol/09/pt/textos\\_online/jam.pdf](http://www.ebp.org.br/enapol/09/pt/textos_online/jam.pdf).

<sup>10</sup> Cf. Lacan J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 629.

<sup>11</sup> cf. Miller, J. A. "Teoria do parceiro", *Os circuitos do desejo na vida e na análise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.



aleph

Nº 02, Agosto, 2011

**Edição:**

Delegação Paraná da Escola Brasileira de Psicanálise  
Rua Tibagi, 294-Conjuntos 1106 e 1107  
80061-110 Curitiba-PR, Fone/Fax: (41) 3324 6432

**Editora:**

Zelma A. Galesi

**Comissão editorial:**

Cesar Skaf  
Teresa Pavone  
Marcia Sival Onyszkiewicz

**Consultores técnicos:**

Angelina Harari  
Marcelo Veras

**Distribuição:**

Marcia Sival Onyszkiewicz  
Maria Otília Bento Holz

**Diagramação e Design Gráfico:**

Amanda Galesi

**Imagem da capa:**

Stairway, 2011 - feito exclusivamente para a revista

Envio de textos para a publicação, por email a:  
zelma.galesi@uol.com.br

## Índice

06. Editorial - *Oscar Reymundo*

*A psicanálise: sua ação e sua eficácia*

08. Pequena Introdução topológica à clínica do *sinthoma* generalizado - *Marcus André Vieira*.

17. Ter um corpo hoje, como a psicanálise trata disso?  
- *Cristina Drummond*

27. A eficácia do *sinthoma* - *Marcelo Veras*.

33. A querela da (in) eficácia terapêutica e o gozo como referência ética para a psicanálise - *Vinicius Anciães Darriba*

38. A ação da psicanálise frente a vigência da ética do superego nos grupos analíticos - *Zelma Galesi*

43. Quem analisa hoje? - *Cesar Skaf*.

*Na análise com crianças*

48. A isondável decisão da criança - *Esthela Solano - Suárez*